CORPO CRU: uma *performance* roteirizada de Ronaldo Fraga
CORPO CRU (RAW BODY): a scripted performance of Ronaldo Fraga

Ana Paula Vilela Soares(autora)
Lavínnia Seabra Gomes(co-autora)

Resumo: Ao longo do tempo a moda vem proporcionando diálogos e representações cada vez mais espetaculares. Partindo desta característica é que neste breve artigo discorreremos sobre o trabalho do estilista mineiro Ronaldo Fraga, direcionado ao desfile de inverno 2002, denominado "CORPO CRU", que pode remeter a uma série de significados. Para tais abordagens nos detivemos em autores cujos estudos estabelecem uma relação direta com a moda, o corpo e os desfiles de cunho performático. A abordagem dada se dará em três etapas: primeiro, em como podemos entender todo o trabalho deste designer, segundo, os desfiles performáticos e, por fim, o trabalho cujo nome já nos remete a um instigante pensamento.
Palavras-chave: Ronaldo Fraga; performance e corpo

Abstract: Along the time the fashion has been providing dialogs and more and more spectacular representations. Based on this characteristic, this brief article will discourse about the work of the fashion designer who was born in the state of Minas Gerais - Brazil, Ronaldo Fraga, with the main focus on the winter fashion show of 2002, called "CORPO CRU" (RAW BODY), that could bring up a series of meanings. For such approaches we detained ourselves in authors whose studies establish a straight relation with the fashion, the body and the performing fashion shows. The given approach will happen in three stages: first, in how we can understand all the work of this designer, second, the performing fashion shows and, finally, the show whose name already sends us to a stimulating thought.
Keywords: Ronaldo Fraga; performance and body

Introdução

Efemeridades à parte, o trabalho de Ronaldo Fraga carrega uma particularidade intensa. Particularidade esta, transposta em peças que remetem à memória afetiva. Uma das grandes características do artista surge na interpretação do cotidiano que é transportado para elementos visuais tridimensionais, no caso a roupa. Tais tridimensionalidades podem trazer à tona símbolos carregados de significados emocionais e poéticos, conferindo um caráter de autenticidade. Aqui podemos nos deleitar na fala de Rosane Preciosa ao explicar o trabalho de um estilista, como:

> [...] um diagnosticador de seu tempo, de sua cultura, enfim, deste contemporâneo que o circunscreve. Ele, que é capaz de materializar questões que nos são caras em nosso cotidiano, propondo-nos diferentes abordagens para elas, espalhando outros valores entre nós. É claro que essa íntima conversa que trava com suas próprias referências se contamina o tempo todo com o que está produzindo nos espaços exteriores à sua própria história. (2005, p. 80)

Neste breve artigo será feita uma análise dos componentes visuais do desfile citado anteriormente, CORPO CRU, que ressalta a superficialidade dos padrões impostos pelo mercado, especificidade cada vez mais decorrente dos moldes que nos são apresentados e intitulados de modelos perfeitos. Com tais observações podemos compreender que o trabalho de Ronaldo Fraga cria um espetáculo à parte. O trabalho deste designer e artista, ao mesmo tempo, faz uma abordagem do ontem de maneira contemporânea, pois ele vê na moda um mecanismo de criação e representação de um cenário para recontar fatos e propiciar emoções.

Desfiles ou Representações Performáticas?

Quando tratamos de entender que cada estilista possui sua particularidade em apresentar suas interpretações, estamos fadados a ver suas criações como objetos de desejo ou de questionamentos, em um espetáculo composto por uma série de objetos, pessoas e cenários que representam ora um cotidiano ora a imaginação. Todavia, o quê seriam estas representações? Performances ou desfiles? Para compreendermos um e outro, precisamos delimitar seus significados.

O conceito de performance tem seu nascimento nas interações da vida social e é vista como dramaturgia (Goffman e Turner) e drama social (Turner, Guertz) e em outra circunstância está dentro da "etnografia da fala" (Bauman) onde a performance é vista como um evento. E é nesta idéia que este autor explana sobre a performance como sendo uma forma de expressão e comunicação carregada de significados e reflexões. Seguindo esta trajetória, podemos delinear seu conceito como o enaltecimento da poética do fazer e do representar uma idéia.

Nesta mesma linha, então, os desfiles não poderiam ser considerados performances? Os desfiles de moda não são apresentações sociais antigas. Foi a partir de 1900 que estes eventos sociais começaram a ter um papel importante dentro da indústria da moda. Para Caroline Evans (2002) os desfiles possuem uma ligação direta com todos os tipos de representação artística que conhecemos como, teatro, dança e cinema. Esta característica é notória ao detectarmos que em qualquer tipo de desfile as possibilidades visuais hibridizam-se cada vez mais.

Em 1910, Lucile, ou melhor, a estilista inglesa Lady Duff Gordon foi a primeira a promover desfiles em Paris com manequins, música e aperitivos para seus convidados.

No início, estes eventos sociais duravam muito tempo e eram representações teatrais, em cenários como jardins, casas antigas e bem decoradas ou a própria *maison* e outros detalhes de pura elegância e novidade. Atualmente, com a evolução do mercado e das próprias características do consumidor, estes mesmos desfiles tornaram-se mais curtos, mas com características muito mais grandiosas, como cantores pop stars em apresentações únicas para quê as modelos desfilem peças com tecidos de alta tecnologia, estampas exclusivas e, é claro, uma platéia recheada de artistas e celebridades da música, cinema e TV.

Ao nos depararmos com tal abordagem fica claro que os desfiles podem ser considerados representações performáticas carregados de idéias e, ao mesmo tempo, um conjunto de propostas teatrais e até cinematográficas. Só para prosseguirmos o pensamento mapeado até agora, trabalhos como de John Galliano, Hussein Chalayan, Thierry Mugler e, em específico, Ronaldo Fraga são exemplos de verdadeiras expressões artísticas que nos levam a caminhos diversos, pois as temáticas são as mais variadas e apresentadas de maneira inusitada, como em teatros, galerias de arte e vários outros tipos de locações.

Corpo Cru

Os desfiles de Ronaldo Fraga relacionam-se diretamente com as artes performáticas, ou seja, são desfiles que apresentam um conteúdo teatral, que exibem muito mais do que roupas. Podem ser interpretados como minidramas completos que apresentam um programa narrrativo roteirizado, determinando seu começo, ápice e fim.

Os componentes visuais são programados para realçar a experiência da memória afetiva, como o tema apresentado, locação, cenário, trilha sonora, perfil de modelo, *styling* dos *looks*, que inclui a composição de peças de roupas, beleza e acessórios, além dos elementos coadjuvantes, que se antecipam à apresentação, como o convite, que comunica as intenções do desfile e seduz cuidadosamente um grupo seleto de convidados.

Para o desfile de Inverno 2002, intitulado “CORPO CRU”, Ronaldo Fraga conta a história de um corpo cansado de ser subjugado, que deixa no ar o seguinte questionamento: Qual modelo construir quando o corpo não existe, ou que corpo perseguir quando o modelo não existe? Segundo Kathia Castilho:

> A condição humana é corpórea: suas fronteiras são traçadas pela carne, limite físico que a compõe, cujos traços a distinguem dos "outros" indivíduos. É, em suma, o corpo que nos presentifica e nos torna presentes no mundo. Padrões de Comportamento, traços de uma cultura, diálogos sociohistóricos são aspectos que podem ser reconhecidos nos "corpos", cuja realidade se funda no caráter comunicacional dos seres humanos. (2005, p. 87)

Ronaldo Fraga se apropria desta carne viva, ou melhor, crua, que apesar de ser o limite físico humano, foi utilizada como uma manifestação ideológica. Assim, através de uma metamorfose formal, cromática e têxtil, as roupas adquirem características corporais.

A modelagem redesenha um corpo do qual, a olhos frios, não se vêem as estruturas formais. Com isso, os volumes são recriados através da transposição de pences nas costuras, nervuras e acabamentos ao avesso. Paradoxalmente, as roupas sofrem com a ausência do corpo, visto que a modelagem é afastada, mas ao mesmo tempo zombam dos poderes corporais que foram adquiridos e saboreiam a ilusão de poder viver mais do que o corpo que as sustentava.

As cores simbolizam as partes do CORPO CRU, envolvendo epiderme, derme, tecidos subcutâneos, vasos sanguíneos, entre outros. Mediante a composição plástica epidérmica apresentam-se as tonalidades da pele, que variam de luminosidade a partir do rosa-seco até os tons de terra queimada. As escarificações, incisões e cortes profundos sobre a epiderme são simbolizados pelo vermelho sangue, cor sem limites, essencialmente quente, estimulante, que retrata os limites de uma carne sofrida, moída e dilacerada com as exigências do mundo contemporâneo.

Mas como um nada sem possibilidades, como um silêncio eterno, ressoa interiormente o preto. Para Kandinsky (1998) o preto é desprovido de ressonância. Por essa razão, todas as outras cores, mesmo aquelas cujo som é o mais fraco, adquire, quando se destaca sobre esse fundo neutro, uma força redobrada. Percebemos, então, que a composição de enxertos em vermelho sobre o fundo preto ressalta aos nossos olhos a condição solitária e sofrida do CORPO CRU, como se fossem navalhadas mostrando a carne viva.

Fig. 1 – Desfile CORPO CRU de Ronaldo Fraga – Inverno 2002.

Os tecidos e estampas também representam as estruturas da pele, vasos sangüíneos, peitos, além da carne crua, com a tentativa de redesenhar o corpo contemporâneo por meio da moda. As aplicações de couro falso simbolizam a pele enrugada e marcada pelo tempo.

O cenário do desfile é representado por um grande e velho carrossel de cabides e balões. Com a ausência do corpo, as modelos vivas foram substituídas por cabides, que são verdadeiros moldes de bonecos de madeira, que carregam roupas dotadas de referências corporais. A morbidez é sentida pelo espectador quando em determinados momentos entra pendurado um pedaço de perna mostrando sapato; um pedaço de braço segurando uma bolsa; uma imensa trança de cabelos solta no nada; uma imagem de rosto desenhado. Enfim, uma irônica representação de um açougue com partes do corpo e objetos dispostos, que "reafirma a liberdade do homem de recriar a própria pele, não a primeira dada biologicamente, mas a segunda gerada por sua imaginação e fantasia e tornada real por sua engenhosidade técnica". (Baitello, apud Castilho, 2005, p. 31).

A trilha sonora foi composta com músicas de carrossel e tangos, que remetem a vários significados em momentos determinantes do desfile, como: alegria, magia, medo e repulsa. Mas um sentimento de surpresa e apreensão toma conta do desfile, quando no meio da apresentação o carrossel quebra. Os espectadores não entendem se aquilo é mesmo falha da máquina ou se foi propositalmente articulado para causar novas sensações, pois tocava um tango no mesmo ritmo da engrenagem que tentava funcionar.

A engrenagem de fato para e o roteiro é improvisado com um final emocionante. As camareiras de Ronaldo Fraga entram uniformizadas carregando os bonecos que faltavam. Tudo feito na maior maestria. Assim, a platéia vibra e aplaude. Novas sensações são reiteradas ao espetáculo. Mas será que foi proposital?

Os efeitos de sentido de um desfile performático são programados para que o espectador participe de um ritual de moda, a começar pelo convite, que instiga o observador a processar e compartilhar da informação ofertada. No convite elaborado para o desfile, os convidados receberam uma embalagem em isopor e *film-pack* com uma estampa de carne. Enfim, um convite que comunica a imagem do desfile, que se relaciona com todos os componentes visuais explorados neste roteiro de sentidos, e que se antecipa à apresentação com o objetivo de seduzir os convidados na divulgação de informações, fazendo com que os mesmos se sintam reconhecidos socialmente.

Fig. 2 – Imagens e convite que ilustra o desfile CORPO CRU de Ronaldo Fraga

O brinde também é outro elemento importante, ou seja, é a materialização de um conceito espetacular, ou um mundo possível, que o espectador leva para casa antecipando seu papel social de consumidor dos produtos da marca. No caso do desfile CORPO CRU, o brinde distribuído aos convidados foi um avental de açougueiro branco com a mesma estampa de carne do convite, concluindo, assim, este roteiro comunicacional.

Considerações Finais:

Para ilustrar o desfile CORPO CRU, Ronaldo Fraga criou um programa narrativo roteirizado, ou seja, um minidrama completo, que teve como principal personagem o corpo, suporte da moda, que discursou e questionou os valores impostos pela indústria. Assim, a história narrou uma relação conflituosa, pois o corpo abandonou a própria roupa, cansado de ser subjugado por ela.

A partir desta história, o designer Ronaldo Fraga, que alcançou o status de artista, instaurou um discurso com base na percepção de seu meio circundante, que conseguiu transpor para a criação os questionamentos e problemáticas de seu tempo. O corpo, enquanto suporte, revestiu-se por meio da roupa refletindo anseios, concepções, angústias e projeções. Ronaldo Fraga interpretou, roteirizou, narrou e transformou em performance este CORPO CRU.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN**,** Richard**.** (ed.) Folklore, Cultural *Performances* and Popular Entertainments. **–** New York, Oxford: Oxford University Press, 1992**.**
CASTILHO, Kathia; Martins, Marcelo M. *Discursos da moda: semiótica, design e corpo*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
EVANS, Caroline. O Espetáculo Encantado. In: ANDRADE, Rita de (org.) *Fashion Theory – A Revista da Moda, Corpo e Cultura.* Edição Brasileira. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2002. p. 31-69.
FRAGA, Ronaldo. *Coleção Moda Brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos***.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
GOFFMAN, Irving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. – Petrópolis: Vozes, 1989.
GUERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. – Rio de Janeiro: Ed. Guanabara/Koogan, 1989.
PRECIOSA, Rosane. *Produção Estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida.* – São Paulo: editora Morumbi, 2005.
TURNER, Victor. *Antropology of Performance*. – New York: PAJ Publication, 1987.
WASSILY, Kandinsky. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Autora: Ana Paula Vilela Soares é Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), pós-graduada em Moda e Comunicação em Marketing pela Universidade Anhembi Morumbi e em Docência Universitária pela Universidade Salgado de Oliveira. Professora do curso de Design de Moda da Universidade Salgado de Oliveira.
Co-autora: Lavínnia Seabra Gomes é Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, 2007, especialista em Docência Universitária pela Universidade Salgado de Oliveira, 2004 e graduada em Design de Moda pela Universidade Federal de Goiás, 2000. Atua como professora dos cursos de Design de Moda nas mesmas Instituições.